

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Dossiê: “A produção historiográfica através das fontes impresas e da imprensa”

Volume 22 | Número 2 | Ano/período: maio/agosto 2023

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v22i2.14880

ISSN: 2763-8804

Jornal “O povo”:

cultura, poder e imprensa no Seridó Potiguar (1889-1892)

Marcos Fernandes de Oliveira ¹  

DOAJ
DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Referência

OLIVEIRA, Marcos Fernandes de. Jornal “O povo”: cultura, poder e imprensa no Seridó Potiguar (1889-1892). *Revista Semina*, Passo Fundo, vol. 22, n. 2, p.118-133, mai-ago 2023.

Recebido em: 10/04/2023 | Aprovado em: 01/05/2023 | Publicado em: 20/07/2023

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH-UFG). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**Jornal “O povo”:
cultura, poder e imprensa no Seridó Potiguar (1889-1892)**

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo construir uma análise histórica em torno do jornal “O povo”, periódico que circulou semanalmente na região do Seridó Potiguar, sertão centro-sul do estado do Rio Grande do Norte, entre os anos de 1889 e 1892. Inserido em um contexto de transição entre o fim do período imperial e a instituição do sistema republicano no Brasil, o semanário projetou e idealizou um novo Seridó a partir do alvorecer da república brasileira e se apresentou como um importante instrumento para o desenvolvimento do poder político local da época, além de refletir e ecoar efeitos na cultura e na sociedade potiguar seridoense daquele período.

Palavras-chave: Final do século XIX. Jornal “O povo”. Seridó Potiguar.

**“O povo” newspaper:
culture, power and press in Seridó Potiguar (1889-1892)**

Abstract

The objective of this work is to build a historical analysis around the newspaper “O Povo”, a periodical that circulated weekly in the region of Seridó Potiguar, south-central hinterland of the state of Rio Grande do Norte, between the years 1889 and 1892. Inserted in a context of transition between the end of the imperial period and the institution of the republican system in Brazil, the weekly projected and idealized a new Seridó from the dawn of the Brazilian republic and presented itself as an important instrument for the development of the local political power of the time, in addition to reflecting and echoing effects on the culture and society of Potiguar Serido at that time.

Keywords: End of the 19th century. "O Povo" newspaper. Seridó Potiguar.

**Diario “O povo”:
cultura, poder y prensa en Seridó Potiguar (1889-1892)**

Resumen

El objetivo de este trabajo es construir un análisis histórico en torno al periódico “O povo”, periódico que circuló semanalmente en la región de Seridó Potiguar, en el interior centro-sur del estado de Rio Grande do Norte, entre 1889 y 1892. En un contexto de transición entre el final del período imperial y la institución del sistema republicano en Brasil, el proyecto semanal diseñó e idealizó un nuevo Seridó desde los albores de la república brasileña y se presentó como un importante instrumento para el desarrollo de poder político local de la época, además de efectos reflejados y ecos en la cultura y sociedad de Potiguar Serido de la época.

Palabras clave: Finales del siglo XIX. Periódico "O Povo". Seridó Potiguar.

Criado na, a época, chamada Cidade do Príncipe¹, atual município de Caicó, interior do estado do Rio Grande do Norte, no mesmo ano em que fora proclamada a república brasileira, 1889, e mais especificamente, no dia 09 de março do referido ano, o jornal “O povo” circulou semanalmente pela região do Seridó Potiguar² até o ano de 1892, quando saiu de circulação.

Fundado por José Renaud³ que, segundo José Augusto Bezerra de Medeiros (1980) fora um pequeno comerciante cearense que residia na região, durante todo o seu período de circulação, “O povo” concentrou entre os seus colaboradores alguns dos intelectuais mais prestigiados e importantes da história do estado do Rio Grande do Norte, quase todos eles bacharéis egressos da Faculdade de Direito do Recife, em Pernambuco.

As ideias, correntes de pensamento e arcabouços teóricos e bibliográficos adquiridos por estes intelectuais em Recife, inclusive, ocuparam um lugar de imprescindível e imperioso destaque nas publicações do jornal durante todo o período de sua circulação.

Do ponto de vista político e social, o jornal “O povo” representou um empreendimento das elites intelectuais de uma região do sertão do Rio Grande do Norte determinado pelas aspirações que estas elites conceberam para construir um Seridó Potiguar compatível a suas “visões de mundo”.

O Seridó potiguar nos fins do século XIX

Considerada, pela historiografia local, uma região relevante para o estado do Rio Grande do Norte⁴ do ponto de vista econômico e político partidário durante a primeira república, o Seridó Potiguar possuía suas principais atividades econômicas ainda sumariamente ligadas ao campo, com destaque especial para a cotonicultura, prática econômica ascendente na região entre os fins do século XIX, e a pecuária, esta última caracterizada como uma forte herança do período colonial no Seridó.

Segundo o historiador Almir de Carvalho Bueno (2009), a Cidade do Príncipe (atual município de Caicó – RN), que já nesta época se caracterizava como o principal município da região (posição

¹ Atual município de Caicó (localizado a aproximadamente 270 quilômetros de Natal, capital do estado), maior município da região do Seridó Potiguar e considerada a principal cidade da região, tanto na época do período estudado como também atualmente.

² O Seridó é uma região interestadual localizada no interior do Nordeste brasileiro que se divide em Seridó Potiguar, no interior do estado do Rio Grande do Norte, e Seridó Paraibano, no interior do estado da Paraíba. Localizado na porção centro-sul do estado do Rio Grande do Norte, a região do Seridó Potiguar é, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), oficialmente, composta por dezessete municípios atualmente, no entanto, é culturalmente e historicamente ligada a outros oito municípios, cujos cidadãos costumam identificar-se também pelo gentílico de “seridoenses”. Localizada no Sertão central do estado da Paraíba, o Seridó paraibano é composto atualmente por quinze municípios. Para mais informações ver: <https://ww2.ibge.gov.br/>.

³ Segundo José Augusto Bezerra de Medeiros, José Renaud residia na povoação de Flores, atual município de Florânia (localizado a aproximadamente 230 quilômetros de Natal, capital do estado), onde possuía um pequeno comércio de medicamentos. De acordo com o autor, José Renaud possuía uma tipografia que utilizava para divulgar o seu comércio e a pedido de outros entusiastas do jornal mudou-se com sua tipografia para a cidade do Príncipe, atual município de Caicó, para dar início a confecção e a produção do jornal.

⁴ Ler: BUENO, Almir de Carvalho. Nós os regeneradores da pátria. _____. “Revisitando a história do Rio Grande do Norte”.

que mantém até os dias atuais), ocupava uma posição importante dentro da conjuntura do poder provincial do Rio Grande do Norte. De acordo com Bueno, “duas famílias dominavam a política local, os Batistas (conservadores) e os Medeiros (liberais), que se revezavam no poder municipal, auxiliadas pela numerosa clientela proporcionada pelo costume do compadrio” (BUENO, 2009, p. 86, grifos do autor).

Além disso, conforme apontam diversos autores e pesquisadores potiguares, como José Adelino Dantas (2008), José Augusto Bezerra de Medeiros (1980) e Muirakytan Kennedy de Macêdo (2012), as últimas décadas do século XIX foram muito importantes para as camadas mais abastadas da sociedade seridoense por também se caracterizar como um período marcado pela formação de novas elites intelectuais na região. De acordo com boa parcela desses historiadores locais dava-se naquele momento uma verdadeira “era dos bacharéis” seridoenses⁵, em sua grande maioria formados pela Faculdade de Direito do Recife.

Segundo Macêdo (2012, p. 147) “a geração formada em Recife foi aquela que constituiu a elite intelectual e política [...]” do Seridó nos últimos anos do século XIX. Para o autor, “[...] foi a Faculdade de Direito de Recife que forneceu parte dos saberes que sustentaram o discurso regionalista dessa elite, prefigurando o Seridó com os dispositivos cientificistas adquiridos em seus estudos jurídicos” (MACÊDO, 2012, p. 147). Dessa forma, como colocado pelo autor: “A usina de ideias da Escola de Recife espargiu sua influência por toda a geração de estudantes que se formou naquela Faculdade. Foi em consequência do contato com o cientificismo e o ideário republicano professados ali que se deu a militância política dos acadêmicos seridoenses” (MACÊDO, 2012, p. 147).

De acordo com José Augusto Bezerra de Medeiros (1980) com o germinar deste agrupamento de intelectuais seridoenses surge entre eles “a necessidade de veicular, de forma concreta, as ideias que representavam e as aspirações que acalentavam” (MEDEIROS, 1980, p. 165), florescendo assim, o desejo de se criar um jornal, que fora alcançado com a ajuda do comerciante local, José Renaud.

Neste sentido, o jornal “O povo” serviu como um amplificador de voz para estas novas elites intelectuais seridoenses que começam a surgir na região nos fins do século XIX, ecoando suas concepções, ideias e anseios em relação a região do Seridó Potiguar e a Província do Rio Grande do Norte.

Jornal O Povo

⁵ Ler: MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN; EDUEPB, 2012. Ou AUGUSTO, José. Seridó. Natal: Sebo Vermelho, 1980.

“O povo” nasceu no dia 09 de março de 1889 com propósitos explicitamente políticos, sobretudo combatendo as concepções do partido conservador e defendendo às predileções do partido liberal que, segundo Bueno (2009), tornava-se nesse período cada vez mais “desencantado” com o sistema imperial, principalmente em sua ala radical, e do núcleo republicano.

É importante mencionar que o periódico é fundado apenas oito meses antes da Proclamação da República, e o desgaste com a monarquia já se via presente em praticamente todas as províncias do país e a situação não era muito diferente no que diz respeito ao Rio Grande do Norte ou na região do Seridó, tanto que em seu primeiro editorial, assinado por Diógenes da Nóbrega e publicado em 09 de março de 1889, o jornal descreve a conjuntura política e social que permeava aquele período da seguinte maneira:

Nesta época de demência política em que os partidos monárquicos se retalham, se perseguem, se abatem, se baralham, se confundem na faina desenfreada de galgar o poder por todos os meios, com descredito de seus programas, com renegação de suas ideias, com desbarato dos dinheiros públicos, com violação das leis, com menoscabo dos interesses nacionais, em todo delírio do mal que invade o organismo social do estado, da província e do município, é oportuno e justificado nosso aparecimento, como um pálido esforço, como um sinal de vida agonizante no meio da anemia profunda que extenua o corpo social (NÓBREGA, 09 de março de 1889, 01⁶).

Já no momento de sua fundação o periódico demonstra seu descontentamento com os rumos que monarquia brasileira tomava e se coloca como uma ferramenta que se pretendia presente no jogo do poder político local. Como apontou Tania Regina de Luca, jornais são empreendimentos coletivos, aos quais se agregam “[...] pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita” (DE LUCA, 2008, p. 140). Dessa maneira, pode-se dizer que por vezes os textos publicados em jornais e periódicos estão estreitamente ligados ao desempenho de variadas intenções e expectativas por parte de seus idealizadores e membros em geral e no jornal “O povo” não seria diferente.

Como mencionado anteriormente, o periódico pertencia ao comerciante José Renaud e, segundo José Augusto (1980), seus principais entusiastas e redatores foram Olegário Vale, que era um importante advogado da região na época, e que possuía fortes ligações com o partido liberal, Diógenes da Nóbrega, Janúncio da Nóbrega e Manoel Dantas, estes últimos acadêmicos oriundos da Faculdade de Direito no Recife e de famílias pertencentes a elite econômica local.

Como demonstrado pela autora Maria Helena Rolim Capelato (1988, p. 15), “todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos

⁶ NÓBREGA, Diógenes. “O povo”. In: O Povo. Cidade do Príncipe. 09 de março de 1889. Ano 1, nº 01, p. 01.

para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para este fim são múltiplos”, e no caso do jornal “O povo” é possível perceber que o semanário se construiu principalmente em torno dos interesses do partido liberal e nos embates da política partidária local e provincial da época.

Partindo-se deste prisma, no que diz respeito ao jogo político local o jornal se mostrava estar mais propenso e próximo dos ideais de José Bernardo de Medeiros, membro da família Medeiros, uma das duas grandes famílias que se revezavam no controle político da região e um dos líderes do partido liberal na província do Rio Grande do Norte. Esta proximidade é perceptível em texto assinado por Manoel Dantas e publicado pelo semanário em 22 de fevereiro de 1890, onde Dantas sai em defesa de José Bernardo de Medeiros ao ser criticado por seus adversários políticos:⁷

Agora um pedido a imprensa e aos indivíduos que anônima e viperinamente tem atacado a José Bernardo em sua reputação de homem de bem: Se julgam que ele tem sido um homem pernicioso, incapaz de se colocar em qualquer direção dos negócios do Estado, abram a análise franca e imparcial dos seus atos, convençam a opinião pública de sua imprestabilidade e reduzam-no as suas justas proporções. Do contrário estão pregando no deserto, se desmoralizando a si e elevando a ele, e dando lugar a que diga como disse Alvarez da Costa, um dos mais belos espíritos da moderna geração acadêmica do Recife à proposito de uma questão semelhante: – podem adjetivar-me à vontade, zurzir-me até que tenham expelido o último átomo de calor contra mim, mas com uma única condição: é que não lhes ouça a algazarra (DANTAS, 22 de fevereiro de 1889, 02⁷).

No entanto, apesar de todo o envolvimento e toda a relação com o jogo do poder local e provincial, entre suas pautas “O povo” não se limitava as questões da política partidária, pois possuía fortes preocupações com a cultura, com a organização social e com o comportamento cotidiano dos seridoenses. Como apontou Maria de Lourdes Eleutério (2012), estas abordagens tornaram-se característica comum nos periódicos brasileiros a partir do alvorecer da primeira república. Segundo a autora, sobre a imprensa brasileira deste período: “A política mantinha seu espaço, mas o crescimento urbano propiciava o ímpeto de se reportar novos focos de notícia, fosse aquele do bordão republicano “O Brasil Civiliza-se” ou as diferentes práticas culturais de uma sociedade em busca do progresso” (ELEUTÉRIO, 2012, 40).

No próprio editorial de 09 de março de 1889 assinado por Diógenes da Nóbrega no número de inauguração do periódico, o semanário expressa de forma bem direta esses interesses e seus objetivos para com o Seridó e seu povo. No texto Nóbrega relata que:

⁷ DANTAS, Manoel. “José Bernardo”. In: O Povo. Cidade do Seridó. 22 de fevereiro de 1890. Ano 2, nº 06, p. 02.

[...] Nossa senha de combate é trabalhar, nossa meta é – a evolução social e o desenvolvimento físico, moral e intelectual do povo –. Em todos os terrenos atacaremos as irregularidades sociais. Seremos inexoráveis em profligar os erros, atacar os preconceitos, desfazer os sofismas e derrocar as superstições em toda ordem de ideias. Em fim nosso alvo é, advogando os interesses do povo, doutrina-lo racionalmente, esclarecendo-lhe o horizonte intelectual, tanto quanto permitirem nossos conhecimentos [...] (NÓBREGA, 09 de março de 1889, p. 01⁸).

Partindo-se desses pressupostos, os articulistas do periódico impõem a si próprios um papel social específico na construção e no desenvolvimento social da região. Para efetivar e assim completar sua “missão”, “O povo” se dispõe, ao mesmo tempo, a ocupar o lugar de “juiz” e de “preceptor” da sociedade, em uma posição de observador da sociedade que partiria “de cima para baixo”. Desta forma, como colocou Bueno (2009, p. 96) “‘iluminados’ pela ciência, esses modernos evangelistas levariam ao povo a boa nova de esperança que lhes fora revelada”.

Seguindo esta perspectiva, por diversas vezes, é possível notar nos articulistas de “O povo” um tom de abordagem demasiadamente professoral, como se os colaboradores do periódico capturassem para si a responsabilidade de “ensinar” a população do Seridó Potiguar o “melhor caminho”, o “caminho da verdade”, o “caminho do progresso”, o “caminho certo”, em contraposição ao “caminho errado”, que por diversas vezes é apresentado no jornal como as práticas e hábitos cotidianos da própria população seridoense.

Ao passo em que os articulistas do periódico observavam o mundo que os cercava, a sociedade seridoense e os seus hábitos, costumes e modos de vida cotidianos, eles também os julgavam e os rotulavam. E é justamente a partir desse processo de julgamento da sociedade que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (DE LUCA, 2008, p. 139).

Os intelectuais envolvidos com a produção do jornal aplicavam desta forma as teorias, os discursos e conhecimentos assimilados e apreendidos em suas respectivas formações nas arguições e reflexões publicadas no jornal com vistas ao desenvolvimento social da região a partir de uma perspectiva de promoção de um progresso muitas vezes representado nas páginas do semanário de forma linear.

Não chega a ser uma surpresa que os intelectuais seridoenses tenham sido influenciados por teorias caracterizadas pela percepção do evolucionismo social, sobretudo por se tratar dos fins do século XIX, período em que estas concepções teóricas estavam em ebulição no meio acadêmico e intelectual brasileiro.

⁸ NÓBREGA, Diógenes. “O povo”. In: O Povo. Cidade do Príncipe. 09 de março de 1889. Ano 1, nº 01, p. 01.

Muito embora cada uma dessas perspectivas teóricas possuíse suas próprias singularidades e especificidades, em sua maioria pautavam-se na adoção do “[...] discurso científico evolucionista como modelo de análise social” (SCHWARCZ, 1993, p. 38). Segundo Macêdo (2012, p. 155), “[...] o darwinismo social e o positivismo de Comte propunham uma filosofia da história que tinha como pressuposto o sentido de evolução das sociedades, cujo estágio mais avançado encontrava-se na Europa, sendo ela, [...] a própria matriz civilizatória”

É inegável, neste sentido, a presença que a Faculdade de Direito do Recife representou sobre as ideias e concepções desenvolvidas pelos articulistas e idealizadores do periódico seridoense, egressos da referida instituição, que, segundo Bueno (2009, p. 94), “[...] receberam com todo o impacto a influência do evolucionismo darwinista, nas versões científicas e sociologizantes de Herbert Spencer e principalmente de Ernst Haeckel, então predominantes na faculdade”.

A partir desses pressupostos, os membros do jornal se propõem a acreditar que caberia a eles avaliar o que estava errado na sociedade e, ao mesmo tempo, corrigir esses erros informando e direcionando a população do Seridó para o que consideravam ser o “melhor caminho”, o “caminho do progresso”, o que para a época não seria uma exclusividade do jornal ou mesmo do Seridó, afinal “o caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público caracterizaram a imprensa brasileira de grande parte do século XIX” (DE LUCA, 2008, p. 133), neste sentido o semanário estaria na esteira de outros periódicos brasileiros do período.

Mas se o progresso linear da região e da sociedade seridoense era o que se pretendia atingir entre os idealizadores do semanário, o desenvolvimento urbano e industrial se tornam bandeiras importantes para o alcance deste almejado progresso pretendido pelos articulistas de “O povo”, que se demonstra em uma coletânea de quatro artigos escritos por Manoel Dantas e publicadas no semanário entre novembro e dezembro de 1889, logo após a proclamação da república brasileira, intitulados de “Vida sertaneja”. No quarto e último artigo desta coletânea Dantas menciona que:

O erro dos sertanejos tem sido não ir em procura da indústria e estragar-se n’um trabalho improdutivo; porém o sertanejo com o bom senso de que é dotado aceitará facilmente qualquer ensinamento, qualquer inovação que lhe venha de fora, uma vez que mostre claramente um bom resultado prático. O espírito rotineiro que ainda predomina em nossas classes sociais não é uma resultante da índole sertaneja, é uma consequência do estado de ignorância em que laboram os nossos conterrâneos (DANTAS, 28 de dezembro de 1889, p. 01⁹).

⁹ DANTAS, Manoel. A vida sertaneja IV: trabalho e indústria. In: O Povo. Cidade do Príncipe. 28 de dezembro de 1889. Ano 1, nº 43, p. 01.

É possível observar que a idealização do periódico se tratava também de um projeto embasado em um conjunto de discursos e ações que se pautavam na formação e na produção da sociedade seridoense dos fins do século XIX quase que de maneira catequética, haja vista que seus idealizadores se apresentavam como “os detentores da verdade” que iriam ensinar e ao mesmo tempo trazer a civilidade e modernidade a população seridoense.

Neste sentido, os articulistas do semanário empenharam em suas publicações um desejo de cidade e de modernidade que deveria refletir na sociedade e na cultura seridoenses de modo a se manifestar nas relações cotidianas que caracterizavam a região e a vida de seus cidadãos. Para tanto os idealizadores e colaboradores de “O povo”, utilizaram do recurso discursivo que o periódico lhes fornecia.

Já em suas primeiras edições o jornal atentou seu público para necessidade de se melhorar os níveis de instrução da população seridoense e provincial para que fosse possível perceber uma efetivação do processo de desenvolvimento que a região necessitava, segundo a concepção daqueles intelectuais envolvidos com a produção semanário. Com esta necessidade em mente, em junho de 1889, os articulistas de “O povo” publicam alguns editoriais assinados por Manoel Dantas e dedicados a esta problematizar esta matéria.

Instrução pública

Tratando da instrução pública, e tendo de fazer algumas reclamações, temos a quase certeza de sermos desatendidos, porque, em nosso país, as questões que prendem ao ensino são encaradas unicamente pelo interesse da política baixa ou pelo indiferentismo.

Não sabemos se é uma inépcia ou um propósito esse véu de ignorância com que se procura velar a face do povo.

A instrução, que é a pedra angular sobre que repousam os grandes edifícios sociais, entre nós pouco passa de uma aspiração. Desde a escola primaria, sem pessoal habilitado, sem métodos de ensino, sem casas que reúnam às comodidades e aparelhos indispensáveis condições higiênicas para que, familiarizando as crianças com o ensino prático e intuitivo, não lhes atrofiem o desenvolvimento, até as escolas superiores, nada temos feito e marchamos na retaguarda das nações, arrastando a triste existência de um povo de ignorantes.

Por toda parte o filhotismo, por toda parte a proteção e o descaso na escolha daqueles que tem a seu cargo a educação dos pequenos seres que mais tarde tem de entrar com o seu contingente para o desenvolvimento do organismo social e deviam, por conseguinte, prover-se de uma boa porção de conhecimentos úteis e aproveitáveis.

O governo, deixando correr à revelia a instrução pública, tornou-se um réu perante a nação e cavou a sua própria ruína, porque já houve quem enxergasse nesse estado de coisas uma vontade deliberada de deixar permanecer nas trevas o povo ignorante para não ter conhecimento de seus direitos violados, de suas liberdades conspurcadas.

É um erro de que se arrependarão, talvez um pouco tarde, os seus autores, quando vier a reação e o povo reconhecer que só a opressão e a tirania fazem cabedal da ignorância. [...] (DANTAS, 15 de junho de 1889, p. 1¹⁰)

Ao passo que se dispõe enquanto uma forte e pesada crítica a política de instrução pública do regime monárquico brasileiro, o texto de Manoel Dantas explora uma necessidade real e urgente para os articulistas de “O povo”. Para os intelectuais envolvidos com o jornal, só seria possível para sociedade brasileira atingir o pleno progresso que aquela época demandava através da crescente promoção e melhoramento da instrução pública.

Para “O povo” e seus colaboradores, o “progresso” e a “modernidade” que batiam a porta do país nos fins do século XIX não poderiam ser alcançados com uma população tão ignorante intelectualmente quanto aquela que habitava o Brasil daquele período. Permanecendo sob as amarras impostas por este padrão má formação educativa o povo brasileiro permanecia padecendo a deriva em um mar de atraso e decadência social, política e moral.

A percepção sobre a problemática da carência e da falta de instrução da população tornava-se ainda mais intensa quando os articulistas do semanário voltavam seus olhares para a realidade do sertão potiguar e, mais especificamente, para a do Seridó. Na já mencionada coletânea de quatro artigos publicados por Manoel Dantas em “O povo”, sob o título de “Vida sertaneja”, o intelectual seridoense também se dedica a analisar a instrução pública no interior do Rio Grande do Norte e mais especificamente no sertão seridoense e demonstra sua preocupação com esta causa em território norte-rio-grandense.

VIDA SERTANEJA

Instrução pública - III

Apreciando a vida sertaneja do ponto de vista da instrução pública, não a consideramos em relação a que é ministrada aos sertanejos pelo poder público, e sim em relação as tendências naturais que eles têm para que esse grande alicerce dos povos e das nações.

O sertanejo foi sempre amante da instrução. Não há um só que desconheça a sua vantagem, e se muitos não a procuram na medida de suas forças, não é porque sejam a ela infensos; fazem-no por uma concepção errônea da sua utilidade.

A prova do que dissemos são esses esforços particulares que fazem muitos pais de família, que não podem mandar os filhos as escolas públicas, procurando um professor particular, e abrindo à sua prole o caminho do saber.

O que é lamentável é olvidarem-se esses bons desejos e não se organizar um sistema de ensino que aproveitasse a todos.

¹⁰ O POVO. Cidade do Príncipe. 15 de junho de 1889. Ano 1, nº 15, p. 01.

O que se tem feito é deixar a instrução publica correr a revelia, sem habilitações no professorado e sem fiscalização do ensino, de modo que podemos dizer que entre nós não existe instrução pública, o que não é de admirar quando nas capitais, que deveriam ser mais bem servidas a instrução pública, é como se costuma dizer, para inglês ver.

[...]

A instrução pública nos sertões precisa ser bem estudada para ser bem difundida, porque a população é muito disseminada e os povoados muito distantes um dos outros.

Um individuo pobre, e mesmo rico, morando a 8 e 10 léguas de distância da sede da escola pública, dificilmente mandará o filho frequentá-la. Sujeita-se antes a pagar um mestre particular, sistema geralmente seguido.

[...]

Temos a negligência de desprezar o melhor tempo para a educação que é o da infância, em que o espírito está livre de certas preocupações. Mais tarde esses indivíduos chegados a idade viril, inconscientes talvez do seu destino, sentem pejo em frequentar com as crianças uma escola pública, e ficam na pior das trevas - a da ignorância.

Preferem mourejar continuamente no trabalho e pensam que com isso está cumprida a sua missão na sociedade. Mal sabem eles que o homem tem uma vida material e outra intelectual e social. [...]

Os pais são os culpados desse princípio errôneo. Empregam os filhos quando crianças, num trabalho as vezes improfícuo, e quando depois de adultos, querem mandá-los à escola, e encontram o prejuízo pernicioso, não procurando destruí-lo. (DANTAS, 21 de dezembro de 1889, p. 1¹¹).

Na concepção de Dantas e para os articulistas de “O povo” os problemas que envolviam a instrução pública na província e, em especial, a região potiguar seridoense transcendiam a escassez de oferta e a defasagem estrutural que o sistema do ensino provincial possuía.

A conjuntura social e política, as condições naturais e geográficas, as condições econômicas da região e o próprio modos vivendi da população seridoense da época, eram desafios e entraves que atravessavam e complexificavam a superação do problema, apesar dos esforços particulares dos próprios seridoenses, descritos pelo autor, na busca pelo acesso a instrução e ao conhecimento educacional.

Para além de apontar pontos necessários para se atingir o pleno progresso e desenvolvimento do Seridó Potiguar, “O povo” também observou e expressou em suas publicações hábitos, práticas e

¹¹ O POVO. Cidade do Principe. 21 de dezembro de 1889. Ano 1, nº 42, p. 01.

costumes que precisavam ser superados e abandonados pela população seridoense para que a sociedade desejada pelos intelectuais envolvidos com o periódico fosse atingida.

Algo que desagradava a alguns dos articulistas do jornal no que diz respeito ao cotidiano no Seridó potiguar fora o que eles consideravam ser uma repetição de costumes “retrógrados” que aos olhos dos colaboradores do periódico produziam vivências sociais “ultrapassadas”, características dos períodos colonial e imperial, e que não condiziam com a realidade “moderna” que aquela incipiente sociedade republicana deveria exercer. Dentre estes costumes estava a prática da “derrubada de bois”, conhecida popularmente na região Nordeste como “vaquejada”.

Desastre – Na vila do Acari, em dias da semana atrasada, um vaqueiro fraturou uma perna e um braço, na ocasião em que derrubava gados. Diversos fatos destes, além da morte que noticiamos no número passado, têm-se dado de mais ou menos gravidade. E esses fatos demonstram a imprudência de nossos vaqueiros em arriscarem a vida n’um brinquedo prejudicial a si e aos criadores. É tempo de acabar com esse sistema de derrubadas. (O POVO. 08 de junho de 1890, p. 02¹²)

Além de classificarem a derrubada de bois como uma infantilidade ao chamarem de “brinquedo prejudicial a si e aos criadores”, os articulistas do semanário investem em uma ruptura com um dos símbolos de virilidade mais comuns do Nordeste brasileiro da época, sobretudo se falarmos do sertão nordestino durante os períodos colonial e imperial que tinham na figura do vaqueiro derrubador de boi, um referencial de masculinidade, bravura e determinação.

Para “O povo”, no entanto, a figura do vaqueiro derrubador de boi representava uma prática retrograda e ultrapassada, uma prática antimoderna. O vaqueiro derrubador de boi, se mostra aos olhos dos articulistas e colaboradores do jornal como um sujeito antiquado, uma representação arcaica e primitiva do homem sertanejo. A figura do derrubador de boi para os periodistas do jornal deveria ser, neste sentido, abandonada e esquecida, sobretudo porque este personagem não se encaixava na sociedade que as elites seridoenses almejavam construir na região do Seridó Potiguar naquele período.

Assim como as derrubadas de bois, outros costumes e hábitos cotidianos foram condenados pelos colaboradores do periódico seridoense em suas publicações. Um dos principais exemplos está na prática dos jogos de azar, que renderam textos praticamente constantes no jornal.

Cidade do Seridó, 23 de março de 1890.

¹² O POVO. Cidade do Príncipe. 08 de junho de 1890. Ano 2, nº 11, p. 02.

Para o nosso patriótico governo, e a heroica intendência municipal do nosso termo verem, e providenciarem.

O direito e o dever que temos de expendermos com franqueza e lealdade o nosso pensamento acerca de tudo que entendemos ou passamos entender de negócios públicos, anima-nos a usarmos desse direito, a favor do bem geral de nosso município; lembrando e pedindo respeitosamente aos dois poderes acima ditos, que a o sejam quanto antes evitados e punidos por lei severa, e por posturas municipais no nosso termo, o fatal vício do jogo de parada ou aposta por meio de cartas, dados, roletas, rifas, ou qualquer meio ou aparelho destinado ao mesmo fim, em todas as casas, estabelecimentos, estalagens, residências ou pousadas, públicas ou particulares.

O da vadiação ou vagabundagem, e o da mendicidade, de pessoas que possam ser engajadas ou colonizadas em qualquer ocupação útil e honesta, pública ou particular. Ninguém de boa fé pode contestar que, pelo jogo são contraídos todos os vícios, que, se transformam em crimes e atentados. (O POVO, 29 de março de 1890, p. 4¹³).

A prática dos jogos de azar representava uma enorme preocupação para os intelectuais envolvidos em “O povo”, grande ao ponto de publicarem um apelo fervoroso as autoridades públicas demandando e exigindo a eliminação destas práticas na vida cotidiana dos seridoenses e a forte repressão a estes hábitos.

As jogatinas, consideradas danosas ao bem-estar social pelos articulistas do semanário, poderiam na concepção destes causar uma forte degeneração na vida cotidiana e nas relações sociais no Seridó. Deste modo o jogo enquanto prática cotidiana representava um desvio grosseiro do ideal de sociedade de seridoense almejada por aquelas elites intelectuais envolvidas com a produção e confecção do jornal.

Considerações Finais

A partir do que fora exposto até aqui é possível perceber que “O povo” possuía uma intensa personalidade opinativa dirigida a intervenção na vida política, na organização social e nos hábitos cotidianos da região do Seridó Potiguar, apresentando-se desta forma como um poderoso instrumento de manejo, influência, poder e manipulação de interesses e predileções. Neste sentido, o periódico também se caracterizou como um notável elemento no interim das relações de força que constituíam o poder no amago da sociedade potiguar seridoense.

As publicações e, sobretudo, os discursos que emergiram dos indivíduos que compunham o quadro de escritores e colaboradores do periódico, demasiadamente influenciados pelas teorias

¹³ O POVO. Cidade do Príncipe. 29 de março de 1890. Ano 2, nº 09, p. 4.

apreendidas da Faculdade de Direito do Recife, em vários momentos direcionaram-se à produção e reprodução de códigos que visavam as relações cotidianas, definindo valores, hábitos e explorando imagens dos sujeitos residentes na região do Seridó Potiguar na última década do século XIX.

“O povo”, neste sentido, revelou-se como uma forte feramente de repercussão de poder, tanto no âmbito social, quanto cultural e político. Um instrumento utilizado pelas elites, sobretudo, intelectuais para idealizar um Seridó potiguar moderno e mais condizente com as diversas mudanças que perpassavam o Brasil e o mundo nos fins do século XIX.

Referências

- AIRES, Francisco Janio Filgueira. **O “espetáculo do cabra-macho”**: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte. 2008. 182f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro 92 de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Natal, 2008.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **Nordestino: a invenção do “falo”**: uma história do gênero masculino (1920- 1940). São Paulo: Intermeios, 2013.
- BUENO, Almir de Carvalho. “Nós, os regeneradores da pátria: ideias políticas no Rio Grande do Norte na passagem para a República”. In: _____. **Revisitando a História do Rio Grande do Norte**. Natal, RN: EDUFRN, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. “Introdução”; “Conquistando corações e mentes”. In: _____. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- _____. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial; Teatro das sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará, 1996.
- _____. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- _____. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____. **A invenção do cotidiano 2**. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- DANTAS, José Adelino. **Homens e fatos do Seridó antigo**. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2008.
- DE LUCA, Tânia Regina. “Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. “Introdução”; “Imprensa profissionalizada”. In: _____. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Unesp, 2006.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do progresso”. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MACÊDO, Muirakytan K. de. **A penúltima versão do Seridó**: uma História do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN; EDUEPB, 2012.

_____. **Rústicos Cabedais**: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões da pecuária (Seridó – séc. XVIII). Natal, RN: Flor do Sal: EDUFRN, 2015.

MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. “Caicó-RN em escrituras urbanas (século XIX)”. In: ANDRADE, Joel Carlos de Souza; DANTAS, Eugênia Maria. BURITI, Iranilson de Oliveira; SOUZA, Antônio Clarindo B. de (orgs). **Cultura e Cidades**. Campina Grande – PB: EDUFPG, 2009.

_____. “Por uma pedagogia da cidade ou sociabilidades e educabilidades no Príncipe, Rio Grande do Norte (século XIX)”. In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de; MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de; SANTOS, Rosenilson da Silva (Orgs.). **Seridó Potiguar**: sujeitos, espaços e práticas. Natal; Caicó: IFRN editora; Biblioteca Seridoense, 2016.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. “A imprensa no Seridó”. In: _____. **Seridó**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1980.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SANTOS, Rosenilson da Silva. **O desejo, o relato e a prática da cidade**: de como são produzidos territórios marginais na cidade do Príncipe (1880 – 1900). 2011. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2011.

_____. “Paisagens do medo da cidade do Príncipe (século XIX)”. In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de; MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de; SANTOS, Rosenilson da Silva (Orgs.). **Seridó Potiguar**: sujeitos, espaços e práticas. Natal; Caicó: IFRN editora; Biblioteca Seridoense, 2016.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. In: _____. **História da vida privada no Brasil**; 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIEIRA JÚNIOR, Antônio Otaviano. Entre paredes e bacamartes - história da família no sertão (1780-1850). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; São Paulo: HUCITEC, 2004.

FONTES DE PESQUISA:

DANTAS, Manoel. “A vida sertaneja III: Instrução pública”. In: **O povo**. Cidade do Príncipe. 21 de dezembro de 1889. Ano 1, nº 42, p. 01.

DANTAS, Manoel. “A vida sertaneja IV: trabalho e indústria”. In: **O povo**. Cidade do Príncipe. 28 de dezembro de 1889. Ano 1, nº 43, p. 01.

DANTAS, Manoel. “Instrução pública”. In: **O povo**. Cidade do Príncipe. 15 de junho de 1889. Ano 1, nº 15, p. 01.

DANTAS, Manoel. “José Bernardo”. In: **O povo**. Cidade do Seridó. 22 de fevereiro de 1890. Ano 2, nº 06, p. 02.

NÓBREGA, Diógenes. “O povo”. In: **O povo**. Cidade do Príncipe. 09 de março de 1889. Ano 1, nº 01, p. 01.

O POVO. Cidade do Principe. 08 de junho de 1890. Ano 2, nº 11, p. 02.

O POVO. Cidade do Principe. 29 de março de 1890. Ano 2, nº 09, p. 4.